



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA FLÁVIA RODRIGUES LIMA

Brasília
2025

ANA FLÁVIA RODRIGUES LIMA

A questão teórico-metodológica “Crianças agitadas” – subsídios para a compreensão do fenômeno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo(a)

Shirleide Pereira da Silva Cruz
Orientadora

Tayane Dias Gomes Pessoa
Co-orientadora

Brasília
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Rq

Rodrigues Lima, Ana Flávia.

A questão teórico-metodológica "Crianças agitadas" -
subsídios para a compreensão do fenômeno / Ana Flávia
Rodrigues Lima;

Orientador: Shirleide Pereira da Silva Cruz; co-orientador
Tayane Dias Gomes Pessoa. Brasília, 2025.
33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2025.

1. crianças agitadas. 2. círculos formativos. 3.
professores iniciantes. I. Pereira da Silva Cruz, Shirleide,
orient. II. Dias Gomes Pessoa, Tayane, co-orient. III.
Título.

ANA FLÁVIA RODRIGUES LIMA

**A QUESTÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA “CRIANÇAS AGITADAS” - SUBSÍDIOS
PARA A COMPREENSÃO DO FENÔMENO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo(a).

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz
(Orientadora)

Ma. Tayane Dias Gomes Pessoa
(Coorientadora)

Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro Da Silva
(Examinadora)

Dra. Ana Sheila Fernandes Costa
(Suplente)

Brasília, 24 de julho de 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho, Vinícius Rodrigues.

Filho, foi por você e por causa de você que encontrei forças para seguir em frente.

Você me impulsionou nos dias difíceis e me deu coragem para não desistir.

Essa conquista é nossa — com todo o meu amor, para você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me sustentar até aqui e por colocar pessoas tão especiais no meu caminho. Sei que sozinha jamais teria chegado até este momento.

Expresso minha profunda gratidão à minha mãe, Maria Antônia, e às minhas irmãs, Karolyne, Raphaela e Tatiane. Vocês sempre estiveram ao meu lado, me incentivando, me apoiando e acreditando em mim. São a base da minha formação como ser humano, e levo comigo tudo o que aprendi com vocês.

Agradeço, com todo o coração, à minha rede de apoio na maternidade — pessoas que tornaram possível minha presença em sala de aula, cuidando com amor do meu filho enquanto eu lutava por este sonho. Obrigada, Flávia Magalhães, Aparecida, Tatiane Lemos, Débora Beatriz, minha mãe Antônia, minha sogra Antonieta e meu companheiro Marlon Marco. Palavras não são suficientes para expressar minha gratidão a cada um de vocês. Sei que abriram mão do seu tempo, da sua rotina, da sua vida para que eu pudesse continuar. Este sonho também é de vocês.

Gostaria de registrar, ainda, minha imensa gratidão à escola pública, espaço onde construí minha trajetória educacional com muita luta e esperança, e à Universidade de Brasília, que me acolheu e me proporcionou oportunidades únicas de crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Obrigada por acreditarem no potencial transformador da educação.

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a agitação de crianças em sala de aula e se propõe a oferecer subsídios teórico-metodológicos para a compreensão deste fenômeno, a partir de uma abordagem social e crítica. A pesquisa parte da realidade imediata de um grupo de professores iniciantes da rede pública do Distrito Federal que por meio do “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes”, projeto de extensão promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos – GEPFAPe, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sinalizou as dificuldades enfrentadas no cotidiano quanto ao comportamento de crianças agitadas em sala de aula. A pesquisa tem como referencial teórico-metodológico a perspectiva histórico-dialética, fundamentada nos princípios do materialismo histórico de Karl Marx. Essa abordagem compreende os fenômenos educacionais como produtos das relações sociais historicamente construídas, em constante movimento e contradição. Assim, por meio de sucessivas aproximações ao objeto de investigação, propiciadas pelo aporte teórico, o trabalho aborda a crescente medicalização da infância com o uso excessivo de metilfenidato (princípio ativo da Ritalina), as condições estruturais das salas de aula da rede pública do DF, o impacto das tecnologias digitais na infância, bem como as culturas infantis e as diversas formas de expressão infantil, compreendendo-as como dimensões fundamentais para a leitura dos comportamentos e interações das crianças. Os resultados apontam para a compreensão de que a agitação não pode ser vista de forma restrita a determinadas dinâmicas do cotidiano escolar, mas sim como expressão da correlação entre os contextos social, escolar e familiar, atravessada pelas experiências culturais e modos próprios de expressão da infância.

Palavras-chave: crianças agitadas; círculos formativos; professores iniciantes;

ABSTRACT

This article investigates the phenomenon of classroom agitation among children and aims to provide theoretical and methodological insights for understanding it from a social and critical perspective. The study is grounded in the immediate experiences of a group of novice teachers from public schools in the Federal District of Brazil, who, through the outreach project “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes” (Formative Circles with Novice/Incoming Teachers) promoted by the Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPe) at the University of Brasília, highlighted the challenges posed by agitated children in everyday classroom settings. The research adopts a historical-dialectical framework based on Karl Marx’s historical materialism, conceiving educational phenomena as products of historically constructed social relations, characterized by constant change and contradiction. Through successive theoretical engagements with the object of study, the article examines the growing medicalization of childhood, particularly the excessive use of methylphenidate (Ritalin), the structural conditions of public school classrooms in the Federal District, the impact of digital technologies on childhood, as well as children's cultures and diverse forms of expression. The findings suggest that agitation should not be understood merely in terms of specific classroom dynamics, but rather as an expression of the interplay among social, school, and family contexts, mediated by cultural experiences and the unique ways children engage with the world.

Keywords: agitated children; formative circles; novice teachers

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDM	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília
GEPFAPe	Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos
TDAH	Déficit de Atenção e Hiperatividade
PNE	Plano Nacional de Educação
PECM	Programa Educação com Movimento
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SINPRO DF	Sindicato dos Professores do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	14
2 INTRODUÇÃO.....	17
2.1 Objetivos.....	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	18
4. PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA E A EXPERIÊNCIA NO CICLO FOR- MATIVO.....	19
5. “CRIANÇAS AGITADAS” – EM BUSCA DA COMPREENSÃO SOBRE O TERMO.....	24
6. MATERIALIDADE E CONTEXTO ESCOLAR: IMPACTOS NO COMPORTA- MENTO INFANTIL.....	27
7. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1. MEMORIAL

Nasci no dia 21 de junho de 1997, em Cametá, cidade localizada no interior do Pará. Logo mais me mudei para a capital, Belém. Foi lá que minha trajetória escolar teve início, ainda na creche, que ficava ao lado da casa em que eu morava com minha avó. Apesar de ter apenas três ou quatro anos, lembro de como eu gostava de ir à escola e de algumas atividades presentes em nossa rotina, como as músicas cantadas na hora do lanche, hora da soneca e idas ao parquinho com a turma.

Nesse mesmo ano minha vida passou por uma grande mudança. Minha avó, responsável por cuidar de mim naquele momento, teve um problema sério de saúde, assim não pude continuar aos seus cuidados. Dessa forma, em 2002 fui morar com meu tio, sua esposa e três filhas, que passaram a ser meus pais e irmãs, em Santarém, no Pará. Sou e serei eternamente grata a essas pessoas, especialmente minha mãe e irmãs mais velhas, que nunca mediram esforços para que eu tivesse uma boa educação.

Em Santarém iniciei a educação infantil, na “A Sementinha”, escola com uma pedagogia tradicional. Passávamos por sabatinas de tabuada na direção, cantávamos o hino nacional enfileirados durante a hora cívica e fazíamos orações. Em geral, a educação nas escolas do norte, e em cidades longe da capital, era bastante tradicional e carregada de elementos religiosos.

Estudei na Sementinha por muitos anos, da educação infantil até o final dos anos iniciais do ensino fundamental, lá fui alfabetizada e tive professoras muito queridas, que marcaram minha vida, como a professora Dulce e a professora Ana Maria, que me alfabetizou. Sempre fui uma criança agitada e tinha muita dificuldade de concentração, o que me levava a receber punições, como o isolamento no fundo da sala. Me recordo que a agitação também me gerava uma significativa dificuldade de concentração, o que me levou a ficar de recuperação em matemática algumas vezes.

Iniciei o Ensino Fundamental II em uma escola privada coordenada por padres e freiras, o Colégio Dom Amando, onde o nível de exigência era muito maior e o sistema de notas era americano, ou seja, com um esquema de média de notas a partir do qual se atribui um conceito em cada área do conhecimento. Tive muitas dificuldades, mas não permaneci muito tempo nessa instituição de ensino, pois no ano seguinte precisei mudar de cidade novamente, fui morar em Macapá, no Amapá. Durante o ano em que morei lá ingressei no ensino público e estudei no colégio estadual Gonçalves Dias, que era muito precário e passava por vários tipos de dificuldades, principalmente estruturais.

Em 2009 cheguei a Brasília, onde fiz o restante do ensino fundamental I, no Centro de Ensino Fundamental 03 de Taguatinga Sul e concluí o ensino médio em 2014, no Centro de Ensino Médio Ave Branca, em Taguatinga.

Cheguei ao último ano do ensino médio com muitas dúvidas referentes a qual caminho seguir profissionalmente. Na época dava aula para crianças na salinha da igreja que frequentava, assim percebi a minha habilidade para lidar com crianças e decidi que iria cursar Pedagogia. Prestei vestibular na metade do terceiro ano, passei na Universidade de Brasília no vestibular do meio do ano e durante o curso percebi que fiz a escolha certa, pois durante o curso de Pedagogia me apaixonei pela docência e sou muito grata por todas as experiências que a universidade pública me proporcionou até aqui. Com muito orgulho hoje estou me tornando a primeira professora da minha família.

Uma das oportunidades mais marcantes que tive ao longo do curso de Pedagogia foi a participação no Programa de Educação Tutorial (PET), logo no início da graduação. Essa experiência representou meu primeiro contato universitário com o trabalho docente, possibilitando-me planejar e executar aulas para a rede pública de ensino em uma escola no Recanto das Emas. Foi nesse contexto que vivenciei, de forma concreta, tanto as alegrias quanto os desafios enfrentados pelos professores no início da prática profissional.

Em 2022, integrei o projeto de extensão Círculos Formativos com Professores Inician-tes/Ingressantes, que tem como objetivo acolher e apoiar docentes em início de carreira na construção de sua percepção sobre a prática, auxiliando-os a superar dilemas cotidianos e contribuindo para o acompanhamento profissional. Essas vivências, somadas ao meu percurso acadêmico e ao olhar atento que sempre tive para as dificuldades de aprendizagem e socialização relacionadas à agitação de crianças, experiência que também marcou minha trajetória escolar, foram determinantes para a definição do objeto de pesquisa deste trabalho.

Minha trajetória no curso de Pedagogia foi marcada por diversas dificuldades, a primeira delas foi o fato de precisar trabalhar e estudar, pois minha realidade não permitia que eu me dedicasse integralmente aos estudos e, por estar matriculada no diurno, não pude pegar as disciplinas necessárias para seguir o fluxo do curso. Dessa forma, fui cursando apenas o que me era possível durante os semestres, situação que afetou o meu tempo de permanência no curso, que se estendeu bastante. Em contrapartida, o acesso à universidade me possibilitou estagiar e trabalhar em lugares incríveis, como o Senado Federal, a Confederação Nacional da Indústria e escolas pelas quais passei durante esses anos, experiências me formaram como estudante, profissional e para a vida.

Outra dificuldade vivida muito impactante foi a chegada do meu filho, pois a maternidade mexeu em todos os aspectos da minha vida e com a vida acadêmica não foi diferente.

Trabalhar e estudar grávida foi extremamente cansativo e desafiador, mas segui firme até o nascimento do meu bebê. Após o nascimento dele, devido à falta de rede de apoio na cidade, precisei trancar o curso e parei de estudar por um ano. Tenho a compreensão de que foi uma decisão tomada por um bem maior, mas muito difícil para mim.

Hoje, após um ano sem estudar, estou de volta ao curso, finalmente realizando o sonho de me graduar em Pedagogia pela Universidade de Brasília. Sou grata pelas dificuldades enfrentadas no caminho pois elas me trouxeram até aqui, me formaram e hoje tenho a oportunidade de realizar esse sonho com meu filho nos braços e com muito orgulho por tudo que superei para chegar até aqui.

2. INTRODUÇÃO

Dentre os inúmeros elementos relacionados à organização do trabalho pedagógico de professores em início de carreira, destaca-se o desafio de lidar com a diversidade de comportamentos manifestados pelas crianças durante os processos de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, o termo “criança agitada” é frequentemente utilizado para se referir a estudantes cujas atitudes se desviam do comportamento esperado nas dinâmicas do cotidiano escolar. Embora não exista uma definição formal na literatura acadêmica, trata-se de uma expressão muito utilizada no contexto escolar e oriunda do senso comum, mobilizada para nomear crianças que apresentam maior dificuldade em se adequar às normas e rotinas escolares.

Essa questão se apresentou como um desafio externalizado por professores iniciantes da rede pública do Distrito Federal, participantes do projeto de extensão “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes”, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos – GEPFAPe, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Como participante do projeto, pude perceber nos encontros realizados, especialmente no contexto do pós-pandemia, as inquietações, reflexões e relatos de experiência que revelaram a dificuldade dos docentes de lidar com a chamada “agitação” em sala de aula. Tais manifestações infantis ganharam maior visibilidade diante das consequências do isolamento social, da intensificação do uso de tecnologias digitais e da carência de espaços para a movimentação do corpo, elemento essencial ao desenvolvimento integral das crianças.

No intuito de contribuir para a discussão propiciada por esse espaço de formação, reflexão e intervenção teórico-prática, este trabalho apresenta uma análise sobre a pertinência do termo “crianças agitadas”, articulando o relato de experiência vivenciado no círculo formativo com o aporte do referencial teórico adotado. Assim, busca-se evidenciar que a compreensão desse fenômeno não pode se restringir a classificações imediatas, mas precisa considerar os condicionantes sociais, estruturais e culturais que o atravessam, bem como a importância do corpo e do movimento na experiência escolar.

2.1 Objetivos do trabalho

O objetivo geral deste trabalho é oferecer subsídios teórico-metodológicos para a compreensão do fenômeno “crianças agitadas”. Como objetivo específico, busca-se ressignificar a compreensão sobre a agitação em sala de aula, articulando a literatura existente sobre o tema à investigação das condições das salas de aula da rede pública do Distrito Federal.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este artigo adota como referencial teórico-metodológico a perspectiva histórico-dialética, fundamentada nos princípios do materialismo histórico-dialético. Essa abordagem compreende os fenômenos educacionais como produtos das relações sociais historicamente construídas, em constante movimento e contradição. (Grespan, 2021) Assim, exploramos a ideia de agitação infantil e os desafios enfrentados por professores iniciantes não como eventos isolados ou estritamente individuais, mas como expressões de uma realidade social mais ampla, marcada por desigualdades estruturais, condições materiais de existência e pelas contradições inerentes ao sistema capitalista. Nesse sentido, procuramos entender a relação entre as questões estruturais e superestruturais pela obra marxiana, a partir do pressuposto de que a subjetividade dos sujeitos sociais se constituem nessa relação. Como destaca Grespan, em seu trabalho introdutório sobre a obra de Marx, o objetivo do filósofo, por meio do método que desenvolveu, era “[...] desmascarar a pretensa normalidade de que se revestem até mesmo os fenômenos mais insuspeitos e contraditórios da sociedade moderna” (2021, p. 10). Tal perspectiva nos permite investigar a agitação em crianças não como um comportamento individual ou patológico, mas como uma questão inserida no contexto mais amplo das relações sociais, da estrutura escolar e das condições materiais de ensino.

Conforme nos explica Malagodi, “[...] com Marx, o materialismo superou suas limitações anteriores ao ser ligado à dialética, o que lhe permitiu compreender a realidade como um processo em constante mudança, movimento e contradição” (1981, p. 17). Assim, o comportamento das crianças e os desafios enfrentados por professores iniciantes são entendidos como

fenômenos que se transformam historicamente e que refletem tensões estruturais, como a precarização do trabalho docente e a medicalização da infância.

Nesse sentido, procuramos, a partir da articulação entre a revisão literária e a investigação referente à medicalização na infância — entendida como o processo de transformar questões de natureza social, cultural, escolar ou comportamental em problemas médicos, frequentemente tratados com intervenções farmacológicas (Moyses; Collares, 2013) —, às condições estruturais referentes aos espaços da rede pública de ensino do DF e ao uso de telas na infância, empreender uma análise da ideia associada a “crianças agitadas” a partir da realidade concreta. Para isso, além da fundamentação teórica, tomamos como referência o relato de experiência construído nos círculos formativos com professores iniciantes, compreendendo-o como espaço privilegiado de escuta, reflexão e problematização das dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, especialmente no contexto do pós-pandemia.

4. PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA E A EXPERIÊNCIA NO CICLO FORMATIVO

Há um vasto universo de estudos voltados ao campo da formação de professores e uma vertente importante se dedica à análise da trajetória dos docentes iniciantes, aqueles que estão construindo suas primeiras práticas pedagógicas após a formação e vivenciando o primeiro contato com o ambiente escolar e suas dificuldades. Nesses estudos é comum que se utilize tanto o termo “iniciantes” quanto “princípios”, a respeito dos quais Cruz, Farias e Hobold (2020) explicitam que:

Consideramos os termos professores iniciantes e professores principiantes como sinônimos, entendendo que eles se referem àqueles que iniciam a carreira profissional não mais na condição de estudante. Trata-se, portanto, daqueles professores que se encontram recém-licenciados e certificados profissionalmente. São professores iniciantes ou principiantes aqueles que se encontram no auge da fase do aprender a ensinar, situando-se no período em que se faz a passagem de estudantes a professores, no tópico anterior definido de inserção profissional. (p. 3)

As autoras destacam ainda que o conceito de professor iniciante se difere do conceito de professor ingressante no sentido de que este, na caracterização como professor ingressante, está assumindo seu posto de trabalho nas instituições de ensino e possuem experiência docente acumulada em virtude de atuação anterior em outros contextos, seja na rede privada ou mesmo como substitutos e temporários na rede pública, tanto na Educação Básica quanto superior. (Cruz; Farias; Hobold, 2020)

Como em qualquer atividade profissional, o início da docência apresenta diversos obstáculos: aprender a lidar com o cotidiano escolar, desenvolver a práxis pedagógica, gerenciar a sala de aula, enfrentar as condições de trabalho, conciliar teoria e prática, além de vivenciar angústias e realizações que envolvem descobertas, inseguranças, medos e o inevitável choque diante da realidade. (Curado Silva, 2017).

Entre os estudos brasileiros que abordam a temática da inserção profissional docente, o trabalho de Curado Silva (2017), cujo objetivo é compreender o processo de tornar-se professor a partir das experiências vivenciadas no início da carreira, com ênfase nas dificuldades e descobertas características desse período. Ao abordar a literatura sobre a temática, a autora recorre aos estudos de Michael Huberman (2000), Simon Veenman (1988) e P. J. Silkes (1985).

Inicialmente a autora traz os estudos de Huberman (2000, apud Curado Silva, 2018), que propõe a compreensão do ciclo vital da carreira docente, destacando, em especial, sua primeira etapa, denominada “entrada na carreira”, que abrange aproximadamente os três primeiros anos de atuação.

Essa fase inicial é marcada por dois aspectos centrais: a sobrevivência e a descoberta. A fase de descoberta pode funcionar como um importante elemento de sustentação frente aos desafios enfrentados durante a fase de sobrevivência, momento em que o professor vivencia, de forma mais intensa, o chamado “choque de realidade”. Trata-se de um período caracterizado por constante experimentação, no qual o docente se depara com um descompasso entre os ideais construídos durante a formação e as exigências concretas da prática cotidiana na escola.

De forma semelhante, Curado Silva (2017) dialoga ainda com outros autores que investigam o percurso da carreira docente, como o pesquisador holandês Simon Veenman (1988 apud Curado Silva, 2018), que também emprega o conceito de “choque de realidade” para descrever as dificuldades enfrentadas pelos professores nos primeiros anos da profissão. Além disso, a autora destaca as contribuições de Silkes (1985 apud Curado Silva, 2018), que diferentemente de Huberman — cuja análise considera o tempo de atuação no magistério —, utiliza a idade dos docentes como critério de análise, dividindo a carreira em cinco fases distintas. Ainda assim, assim como outros estudiosos, Silkes também identifica a fase inicial como o momento em que ocorre, com maior intensidade, o choque de realidade.

Apesar da diversidade de abordagens, os estudos sobre o ciclo profissional docente convergem quanto à complexidade do início da carreira, embora não haja consenso sobre a duração exata dessa fase, que pode variar entre os indivíduos. Diante disso, Curado Silva (2017) adota, em sua pesquisa, um recorte mais abrangente, considerando os cinco primeiros anos de exercício docente como período de análise.

Diante dos inúmeros desafios enfrentados, o acompanhamento durante a fase inicial da docência revela-se essencial. A esse respeito, destaca-se a pesquisa conduzida por Curado Silva e Rocha (2021), realizada no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), que tem como ponto de partida as preocupações relacionadas às condições de trabalho dos professores em início de carreira. O estudo tem por objetivo analisar essas condições e contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas nesse período crucial. Nesse contexto, é fundamental ressaltar a importância de políticas públicas que assegurem melhores condições de trabalho a esses profissionais, os quais já lidam com os desafios inerentes ao início de qualquer trajetória profissional.

Os dados revelam um quantitativo expressivo de desistentes na carreira, compreendido em um terço dos professores que são aprovados no concurso público, anunciando questões objetivas ligadas as condições de trabalho, nos levando em questionar a necessidade de políticas de formação pensadas a partir da realidade do trabalho docente. Chamamos atenção para a omissão de políticas públicas diante do caso, como um fator condicionador para intensificar ainda mais as dificuldades enfrentadas nesta etapa da carreira. (Curado Silva; Rocha, 2021, p. 113)

Investir em políticas públicas que acolham melhor os professores iniciantes e invistam em boas condições de trabalho são caminhos importantes para facilitar a entrada desses profissionais na carreira. Ignorar essa fase, marcada por descobertas e choques de realidade, torna mais difícil o início da trajetória docente.

É em função desses elementos e por meio da escuta ativa dos professores iniciantes participantes do “Círculos Formativos com Professores Iniciantes/Ingressantes”, projeto de extensão coordenado pelo GEPFAPE, que emerge nosso objeto de pesquisa. O projeto tem como objetivo auxiliar os professores na produção de conhecimentos que os ajudem a superar os dilemas por eles vivenciados, bem como contribuir com a fundamentação de propostas para o acompanhamento profissional desses. Buscando ouvir, acolher e dar voz às demandas e dificuldades dos professores iniciantes da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), desde o seu início, em 2017, o projeto acontece na Escola Classe 813 de Samambaia Norte, onde os encontros com os professores têm buscado promover reflexões e trocas de experiências pedagógicas, contribuindo para o fortalecimento da prática docente.

A metodologia adotada nos círculos formativos pautou-se em uma dinâmica participativa e dialógica, estruturada em momentos de acolhimento, problematização, trabalho em subgrupos e socialização coletiva. Inicialmente, os professores iniciantes eram convidados a compartilhar suas principais dificuldades no cotidiano escolar, gerando um mapeamento das demandas mais recorrentes. Em seguida, os grupos de estudantes da Faculdade de Educação rea-

lizavam buscas bibliográficas, elaboravam estratégias pedagógicas e conduziam debates orientados pelas questões levantadas. As discussões eram então socializadas em roda, favorecendo a troca de experiências e a construção coletiva de conhecimentos, com a mediação de docentes convidadas, que ampliavam a reflexão a partir de diferentes referenciais teóricos e práticos.

Este trabalho se dedica à análise de uma das demandas expressas pelos professores iniciantes participantes do primeiro círculo formativo realizado no mês de novembro de 2022, que teve como tema “O adoecimento de professores e estudantes no pós-pandemia - o sentido da escola”, e teve como convidada a professora Dra. Deise Rocha.

Durante esse encontro, a temática da agitação infantil foi inicialmente apresentada pelas professoras como um desafio recorrente e de difícil manejo, frequentemente associada à ideia de indisciplina ou mesmo à necessidade de encaminhamento para avaliação médica. No entanto, a intervenção da professora convidada ampliou a discussão ao problematizar essas concepções reducionistas, destacando que a agitação deve ser compreendida a partir de múltiplos fatores — sociais, culturais, emocionais e pedagógicos — e não apenas como um desvio individual. Essa abordagem possibilitou que as professoras repensassem suas práticas, visualizando novas perspectivas de intervenção pedagógica mais inclusivas e sensíveis às necessidades das crianças no contexto do pós-pandemia.

O segundo círculo formativo do mesmo ano, com a pauta “Professores e estudantes no pós-pandemia: o esperar coletivo”. Durante o momento inicial de problematização, as professoras participaram de discussões em grupos separados de acordo com os diversos temas propostos, seguido por uma fala da professora convidada, Dra. Solange Cardoso.

Em sua fala, a professora Dra. Solange destacou a importância do trabalho coletivo como princípio pedagógico e da construção de uma relação horizontal entre professor e aluno, ao mesmo tempo em que ressaltou a necessidade de reconhecer o papel de autoridade do docente nesse processo, entendendo-o como mediador que estabelece limites, conduz aprendizagens e favorece a convivência democrática em sala de aula.

Após a fala da professora convidada, os grupos socializaram com todos os participantes as estratégias que haviam sido elaboradas coletivamente. Após a articulação entre as reflexões dos estudantes e as experiências das docentes, com o objetivo de pensar alternativas para o manejo em lidar com o que chamaram de “crianças agitadas” em sala de aula, o grupo expos coletivamente as estratégias propostas, e destacaram: contextualização dos conteúdos, tornando-os mais próximos da realidade dos alunos; Atividades atrativas e orientadas, capazes de despertar o interesse das crianças; uso de metodologias lúdicas, incentivando o protagonismo infantil; experimentação de diferentes arranjos na organização da sala de aula; utilização de

tecnologias diversas, incluindo recursos digitais, conforme a disponibilidade da escola; atividades que estimulem a criatividade, como músicas, teatro, fantoches e marionetes; diálogo e escuta ativa, permitindo que as crianças participem na construção de regras de convivência; e dinâmicas para o desenvolvimento da empatia e do respeito, tanto pelo outro quanto por si mesmas.

Essas estratégias foram discutidas e analisadas pelas professoras e estudantes do projeto, promovendo um espaço de troca e aprendizado mútuo.

Após a exposição das estratégias, as professoras compartilharam suas experiências e vivências em sala de aula. Algumas mencionaram que já haviam utilizado algumas das estratégias apresentadas. No entanto, também relataram dificuldades em situações em que, mesmo após tentativas de diálogo e acordos, as crianças não conseguiam conter a agitação, o que inviabilizava a continuidade da aula. Uma das professoras expressou essa dificuldade ao afirmar:

"Quando isso acontece, algumas vezes realmente não tem como continuar a aula. Então, eu prefiro sentar em uma roda no chão, conversar, fazer algo que acalme e depois retornar à atividade que estava sendo passada."

Encerrado esse momento, todos se reuniram em um grande círculo conduzido pela professora Dra. Solange Cardoso, que iniciou sua fala se referenciando na obra *Pedagogia da Esperança*, de Paulo Freire (1992), além de trazer informações sobre o uso do metilfenidato no Brasil como um alerta sobre o olhar do professor para a criança agitada. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Defesa dos Usuários de Medicamentos, publicados pela revista *Veja*, o Brasil é o segundo maior consumidor desse medicamento no mundo. A mesma pesquisa revelou que, entre 2004 e 2014, a importação da substância cresceu 373%, provocando um aumento de 775% no consumo. A pesquisadora mencionou ainda um trecho de Ximenes (2015), que destaca a complexidade da agitação e da desatenção infantil:

Entendemos a agitação e a desatenção como fenômenos complexos, multifatoriais, com influências do meio social e cultural, incluindo entre esses componentes os aspectos biológicos (em interação com os demais). Pensando nessa multiplicidade de fatores da agitação e da desatenção, passa-se a considerar a criança de forma mais ampla, o que permite refletir sobre o seu entorno – escola, família, sociedade – em um debate amplo, que expande as possibilidades de planejamento e atuação educacional e social. (Ximenes et al., 2020, p. 4)

O encontro foi finalizado com a participação de outros colegas, que realizaram a leitura de um poema e apresentaram uma música, encerrando o momento com sensibilidade e reflexão coletiva.

Dessa forma, as discussões realizadas no encontro evidenciam a necessidade de compreender a agitação infantil para além da perspectiva biomédica, inserindo-a em um quadro mais amplo de fatores sociais, culturais e escolares. O desafio posto aos professores é o de olhar para a criança em sua totalidade, considerando seus contextos de vida e as condições estruturais

das escolas, sem recorrer imediatamente à medicalização como única resposta possível. Ao adotar uma abordagem crítica e sensível, torna-se possível transformar a agitação em objeto de reflexão pedagógica, favorecendo práticas educativas que acolham as singularidades da infância e promovam espaços mais inclusivos de aprendizagem.

5. “CRIANÇAS AGITADAS” – EM BUSCA DA COMPREENSÃO SOBRE O TERMO

Destacamos que a expressão “crianças agitadas” não se constitui enquanto conceito referência na literatura sobre a aprendizagem de crianças ou mesmo na área da Psicologia. Na tentativa de nos debruçarmos sobre a temática a partir de pesquisas acadêmicas produzidas, realizamos junto à Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM/UnB) uma pesquisa em busca de monografias, dissertações e teses utilizando os descritores: agitação, agitadas e crianças agitadas. A partir desta busca selecionamos alguns trabalhos que poderiam ter relação com o nosso objeto de investigação, então empreendemos uma leitura dos resumos, das palavras-chave e leitura flutuante dos trabalhos completos. Por intermédio desse movimento encontramos uma única monografia que abordava nosso objeto de estudo, “Ressignificando o Conceito de Agitação em Sala de Aula: Um Estudo Transversal com Professores de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, da autora Andressa Slâmya Silva Brito, produzida no âmbito da Faculdade de Educação em 2015, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

A monografia em questão analisa a agitação em sala de aula, investigando o conceito e o contexto em que esse termo aparece no vocabulário e nas situações do cotidiano escolar. O foco está em compreender a percepção dos professores acerca dos estudantes considerados agitados, observando como esses alunos se organizam na rotina, como participam das atividades, como aprendem e de que maneira são avaliados. A pesquisa também discute formas de atuação docente diante desses casos, ressaltando que a agitação nem sempre está vinculada a diagnósticos clínicos, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), podendo ser compreendida a partir de múltiplos fatores pedagógicos, sociais e emocionais. Para embasar a pesquisa, a autora mobilizou as teorias sociogenéticas de Henri Wallon (1879–1962) e Lev S. Vygotsky (1896–1934), além de estudos sobre indisciplina, TDAH e dificuldades de aprendizagem. Concluiu-se que as práticas docentes, em grande medida, se mostram atravessadas por expectativas de disciplina e quietude, levando à classificação dos comportamentos dos alunos

com base em sua movimentação e dispersão nas atividades propostas, demarcando expectativas relacionadas ao comportamento infantil.

Destacamos, em articulação com o trabalho da autora, que o conceito de agitação é comumente utilizado no senso comum e transposto para as rotinas escolares, sendo utilizado no ambiente escolar para descrever determinados alunos. Frequentemente essas crianças são as que mais recebem atenção dos professores, sendo definidas como aquelas que não gostam de sentar, conversam e brincam muito durante as atividades.

Na busca literal da palavra “agitação” e “agitado” no dicionário Aurélio temos as seguintes definições: 1 - ação ou efeito de agitar(se), 2 – perturbação do espírito; excitação 3 – transtorno de ordem social, política ou econômica. E para a palavra agitado que é como as professoras se referem aos alunos: Agitado; “1 diz-se de indivíduo inquieto; 2- que tem muito movimento” (Ferreira, 2009). Subentende-se que crianças consideradas agitadas são aquelas inquietas, que se movimentam e não seguem determinado padrão de comportamento.

A partir de uma compreensão literal do termo, é possível perceber que a agitação infantil pode se manifestar de diferentes maneiras, como inquietação física, dificuldade de concentração e impulsividade. O comportamento agitado é relativamente comum em crianças, sobretudo em fases do desenvolvimento em que há maior necessidade de movimento e de gasto de energia, aspecto destacado por Wallon ao compreender o movimento como elemento fundamental na constituição da afetividade e da inteligência infantil (apud Gratiot-Alfandéry, 2010). Tal comportamento pode estar relacionado a diversos fatores, como ambiente familiar, ambiente escolar, necessidades não atendidas, estímulos excessivos ou mesmo intervenções inadequadas na escola. Muitas vezes comportamentos agitados são interpretados como sinais patológicos, essa interpretação, porém, pode mascarar questões pedagógicas, emocionais ou sociais que precisam ser compreendidas em profundidade.

Entre as diversas patologias comumente associadas à inquietação, destaca-se o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Segundo a American Psychiatric Association (apud Silva e Batista, 2014), o transtorno afeta entre 5% e 7% das crianças e adolescentes no mundo, sendo considerado um dos transtornos mais comuns da infância. A confusão entre esses comportamentos pode levar a diagnósticos inadequados e práticas pedagógicas ineficazes.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é caracterizado por sintomas persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade que causam prejuízos significativos em diversas áreas da vida. Seu diagnóstico requer critérios específicos, como a manifestação precoce dos sintomas e a presença em múltiplos contextos (casa, escola e demais ambientes de socialização da criança); para que esse diagnóstico seja concluído, o indivíduo deve

apresentar pelo menos seis sintomas de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, incluindo comportamentos como não prestar atenção, esquecer materiais escolares, levantar-se frequentemente da cadeira e falar em excesso. (American Psychiatric Association, 2014, apud Silva; Batista, 2020)

Nesse sentido, os estudos de Silva e Batista (2020) chamam a atenção para os diferentes modelos de explicação dos comportamentos agitados e desatentos na infância, destacando os limites da abordagem puramente biomédica, centrada na ideia de disfunção neurológica e tratamento medicamentoso. As autoras contrapõem essa visão com o modelo histórico-social, que compreende tais comportamentos como construções influenciadas por fatores escolares, familiares e culturais. Fundamentadas nessa perspectiva, propõem uma abordagem integradora, com base na psicologia histórico-cultural, que considera a importância de intervenções pedagógicas articuladas entre escola, família e sociedade, de forma a evitar a medicalização excessiva e a responsabilização individual por desafios coletivos no ambiente educacional.

As autoras analisam a diferença de predominância do TDAH em diferentes países, observando o comportamento agitado/desatento sob uma perspectiva social, chamando a atenção sobre como o uso do metilfenidato tem aumentado significativamente no Brasil e no mundo. O país ocupa atualmente a segunda posição no ranking global de consumo do medicamento (Ximenes, 2015 apud Silva; Batista, 2020). Em uma década, o aumento no uso chegou a 775%, segundo dados divulgados pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (Cambricoli, 2014 apud Silva; Batista, 2020). Observando o comportamento agitado sob uma perspectiva social. Por fim, as autoras destacam que

Com o aumento do número de crianças designadas como “problemas” nas escolas e, conseqüentemente, encaminhadas para especialistas da área da saúde e diagnosticadas com doenças mentais, e com a crescente medicalização infantil, alguns pesquisadores têm defendido uma visão crítica acerca de possíveis excessos de diagnósticos e ressaltado a importância de diferenciar questões biológicas de questões sociais (p.18)

6. MATERIALIDADE E CONTEXTO ESCOLAR: IMPACTOS NO COMPORTAMENTO INFANTIL

A partir dessa visão crítica proposta pelas autoras, compreendendo a agitação através de um olhar social, passamos a analisar o contexto em que esses professores e crianças estão inseridos. Assim, nos propusemos a olhar a questão da agitação a partir da materialidade, entendendo que os espaços físicos e as condições estruturais das escolas impactam diretamente o comportamento dos alunos. Realizamos então uma pesquisa no site do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), utilizando os seguintes descritores: condições de traba-

lho, estrutura escolar e superlotação de salas de aula. Com base no levantamento das publicações dos últimos cinco anos, é possível observar que a precariedade da infraestrutura – como salas sem ventilação adequada, falta de espaços recreativos e ambientes deteriorados – fatores que limitam as possibilidades de movimento, expressam e conforto das crianças no ambiente escolar, têm sido uma constante.

Os dados obtidos revelam que o SINPRO-DF tem denunciado de forma recorrente a superlotação das salas, bem como uma série de problemas estruturais que comprometem tanto a qualidade do processo de ensino-aprendizagem quanto o bem-estar físico e psicológico de estudantes e profissionais da educação.

A seguir, apresentamos uma tabela que sintetiza as principais questões abordadas pelo sindicato no período analisado:

Ano	Problema	Justificativa SEEDF
2019	Superlotação das salas de aula	Alegação de aumento populacional e falta de professores concursados para nomeação.
2020	Condições ambientais: calor e falta de ventilação	Justificativa relacionada a limitações orçamentárias e cronograma de instalação de climatizadores.
2021	Problemas estruturais (telhados, banheiros precários)	SEEDF informou que realiza manutenção preventiva, mas que a demanda é alta e os recursos limitados.
2022	Falta de água e precariedade dos banheiros	Justificativa citando dificuldades no fornecimento hídrico da rede pública e obras de melhoria em andamento.
2023	Superlotação e falta de monitores para alunos com necessidades especiais	SEEDF afirmou estar em processo de contratação e melhoria do quadro, mas admite demora nos concursos.
2024	Superlotação agravada e ambientes insalubres	SEEDF atribui à alta demanda crescente e à restrição orçamentária, prometendo planos de melhoria para os próximos anos.

Nas publicações analisadas a superlotação das salas de aula se constitui um problema crônico, que vem se agravando progressivamente nos últimos anos. Em 2024, o número de estudantes por sala chegou a exceder em até 60% o limite recomendado pelo Plano Distrital de Educação (PDE), comprometendo o processo de ensino-aprendizagem e a proposta pedagógica

das instituições escolares (SINPRO, 2024a). O sindicato atribui essa realidade à falta de planejamento e à ausência de nomeações de candidatos aprovados em concursos públicos.

Outro fator recorrente nas denúncias do sindicato refere-se às condições ambientais precárias enfrentadas nas unidades escolares. Altas temperaturas, ausência de climatização, ventilação insuficiente e estruturas sem isolamento térmico tornam as salas de aula insalubres, especialmente durante períodos de calor extremo. A entidade alerta que esses fatores prejudicam tanto a saúde quanto o desempenho acadêmico de estudantes e docentes. Também é denunciada a falta de água potável e a precariedade dos banheiros escolares. Diversas escolas enfrentam a ausência de itens básicos de higiene, como papel higiênico, sabonete e papel toalha, além de instalações sanitárias em condições inadequadas. Tais problemas comprometem a saúde pública no ambiente escolar e colocam em risco o bem-estar de toda a comunidade escolar.

Além da superlotação e das dificuldades ambientais, um outro fator que chama a atenção é o estado de deterioração das estruturas físicas de algumas escolas públicas do Distrito Federal. A falta de manutenção preventiva e de reformas adequadas resulta em problemas como telhados com goteiras, rachaduras e ventilação comprometida. Para o sindicato, a ausência de investimentos estruturais compromete a qualidade do ensino e a segurança de estudantes e profissionais da educação.

A escassez de profissionais também é um problema persistente. A falta de monitores e auxiliares para atender estudantes com necessidades educacionais especiais, o que inviabiliza o acompanhamento adequado e a efetivação da educação inclusiva. A não nomeação de profissionais concursados e a ausência de políticas de gestão eficazes intensificam essa situação crítica (SINPRO, 2024b).

A ausência de professores licenciados em Educação Física nos anos iniciais, é um exemplo concreto de como a precarização das políticas públicas impacta diretamente no cotidiano escolar. Como forma de garantir o cumprimento da lei (Lei nº 5.884/2017) e do Plano Distrital de Educação, que exigem a presença de profissionais licenciados em EF nos anos iniciais, foi criado em 2015 e regulamentado pela Portaria nº 270 de 13 de setembro de 2018, o Projeto Educação com Movimento (PECM) da Secretaria de Educação do DF, tem como meta garantir a presença do professor de Educação Física na Educação Infantil e nos anos iniciais do Fundamental. Mas a realidade é que boa parte das escolas de educação infantil e anos iniciais não contam com a presença desses profissionais. Diante desse cenário, foi lançada uma campanha de mapeamento para identificar escolas públicas sem professores habilitados na área. À época, os dados coletados indicavam que aproximadamente 200 instituições de ensino não contavam com profissionais licenciados, descumprindo a legislação vigente. Um concurso realizado em

2013 previa cadastro de reserva suficiente para suprir essa demanda, porém as nomeações foram interrompidas em 2015, agravando o déficit (op. cit., 2024b).

Essas informações apontam uma evidente defasagem na quantidade de professores licenciados em Educação Física, o que compromete diretamente as práticas pedagógicas e o atendimento aos estudantes. Apesar de algumas nomeações pontuais, elas são insuficientes, e muitas turmas permanecem sem profissionais habilitados.

Nesse sentido, a presença da Educação Física na rotina escolar vai além do caráter recreativo, configurando-se como espaço privilegiado para canalizar a energia infantil, favorecer a socialização e contribuir para a autorregulação do comportamento. Sua ausência ou precariedade, portanto, intensifica a manifestação da agitação em sala de aula, uma vez que priva os estudantes de momentos de movimento e de vivências corporais essenciais ao processo educativo.

Além disso, somam-se a esse quadro os problemas estruturais e as interrupções das aulas provocadas por fatores ambientais, como calor excessivo e baixa umidade (Agência Brasil, 2024). O PECM é uma resposta institucional à necessidade de movimento que as crianças expressam. Sem a efetiva presença dos professores de Educação Física, o ambiente escolar muitas vezes fica restrito ao espaço de sala de aula, limitando a possibilidade de canalizar energia de forma construtiva.

A redução de espaços e momentos adequados para o movimento corporal leva as crianças a manifestarem sua energia de outras formas, muitas vezes por meio da agitação em sala de aula. Esse quadro se agrava diante da precariedade estrutural das escolas, que, em sua maioria, não possuem quadras cobertas, materiais adequados ou ambientes favoráveis à prática pedagógica da Educação Física, conforme previsto pelo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001). Assim, a agitação infantil, muitas vezes interpretada apenas como problema comportamental, pode ser compreendida também como uma resposta ao contexto de negligência, que priva os estudantes de experiências corporais essenciais ao seu bem-estar.

Henri Wallon (apud Gratiot-Alfandéry, 2010), defende a importância do movimento corporal no desenvolvimento infantil, ao propor uma concepção integrada do ser humano, na qual motricidade, emoção e cognição se inter-relacionam de forma indissociável. Para o autor, o movimento não é apenas expressão física, mas constitui uma forma fundamental de relação com o mundo, sendo essencial ao processo de construção da identidade e da aprendizagem. O autor afirma que “[...] o movimento é a forma primária de expressão da criança e um dos principais organizadores de sua afetividade e inteligência” (op. cit., p. 75). Assim, sua teoria sustenta a relevância de práticas pedagógicas que valorizem o corpo e o brincar, especialmente nos primeiros anos da infância, quando a ação motora tem papel central na constituição do sujeito.

O autor destaca a importância do movimento no desenvolvimento infantil, sendo essencial ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. A ausência de espaços e profissionais qualificados para conduzir a atividade motora, nesse sentido, compromete não apenas o desenvolvimento físico, mas também o emocional e cognitivo das crianças.

Ainda olhando a agitação como uma questão social, além da questão estrutural, devemos destacar como a infância tem sido atravessada por transformações significativas em seus modos de brincar, aprender e se relacionar. As tecnologias digitais passaram a ocupar um espaço central no cotidiano das crianças, transformando significativamente os modos de brincar, se comunicar e aprender. O uso excessivo de telas, especialmente na primeira infância, tem gerado preocupações quanto aos seus impactos no desenvolvimento neuropsicomotor e no comportamento infantil. Segundo Garcia et al. (2024), há uma relação significativa entre a exposição prolongada às telas e alterações como atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldades motoras, distúrbios do sono, ansiedade, impulsividade e alterações na atenção.

Esses efeitos podem contribuir para quadros de agitação e inquietação em crianças, uma vez que a alta estimulação sensorial oferecida pelas telas tende a sobrecarregar os mecanismos de autorregulação do sistema nervoso central (op. cit., 2024). Além disso, os autores ressaltam que a redução do tempo destinado ao brincar ativo e às interações presenciais interfere negativamente no desenvolvimento emocional e social, fatores que também se associam ao aumento da agitação e da irritabilidade.

Essas alterações no desenvolvimento e no comportamento infantil entram em contraste com as expectativas tradicionalmente estabelecidas para o ambiente escolar. Ainda se espera que as crianças, mesmo na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mantenham-se sentadas por longos períodos, escutem com atenção, controlem impulsos e interajam de forma adequada com colegas e professores. No entanto, tais demandas nem sempre consideram os efeitos do contexto digital atual, tampouco respeitam as necessidades do corpo e do movimento na infância, o que pode contribuir para um olhar precipitado quando se trata da agitação e inquietação infantil.

Conforme discutido por Ximenes (2021), a escola frequentemente ignora os modos próprios da infância de estar no mundo, exigindo comportamentos incompatíveis com o desenvolvimento infantil. Segundo a autora “Esperar que uma criança de 5 ou 6 anos permaneça por horas sentada, em silêncio e atenta, é ignorar a própria natureza da infância e seus modos de aprender” (p. 45).

7. CONCLUSÃO

A partir da exposição dos elementos teóricos apresentados ao longo do trabalho, é possível concluir que a agitação em sala de aula não pode ser vista como um fator isolado do comportamento humano. As demandas das professoras em início de carreira com relação à agitação das crianças vêm de um contexto complexo, permeado de fatores relacionados não apenas as questões internas ao ambiente escolar, mas também aos demais espaços de socialização desses sujeitos.

Vimos que a agitação, por ser considerada um comportamento dissonante, sendo comumente relacionada à diagnósticos de TDAH, pode se constituir tão somente em um elemento próprio de determinadas fases do desenvolvimento da criança. Essa fase pode ser permeada ainda por fatores sociais como o uso excessivo de telas, a falta de espaços próprios para expressões corporais e emocionais, a inadequação dos espaços escolares a uma rotina de cinco horas diárias de aula e, por fim, ao alinhamento entre o que se convencionou enquanto expectativa no que concerne ao comportamento de crianças e realidade.

Diante das discussões apresentadas ao longo do trabalho, sugerimos alguns elementos fundamentais para a abordagem da temática das “crianças agitadas”.

No nível micro do trabalho docente, propõe-se o planejamento diversificado e flexível: propor atividades variadas, com tempos diferentes de concentração e com espaço para movimento e expressão corporal. Crianças agitadas podem responder melhor a propostas dinâmicas e participativas.

É importante também a observação e escuta ativa, compreendendo os ritmos, interesses e os sinais que cada criança expressa. Muitas vezes, a agitação é um pedido de atenção, acolhimento ou um reflexo de situações externas.

A organização do tempo e rotina é fundamental: manter uma rotina clara, com momentos bem definidos, ajuda a dar segurança às crianças. Incluir pausas para movimento, respiração e atividades lúdicas ao longo do dia é essencial.

Outro ponto é a criação de vínculos afetivos, pois estabelecer relações de confiança com as crianças ajuda a diminuir comportamentos de agitação. Crianças que se sentem acolhidas tendem a se autorregular melhor.

No nível meso da escola, destaca-se o trabalho coletivo e apoio interdisciplinar: criar espaços de escuta entre os professores e equipe pedagógica para analisar os casos, pensar estratégias conjuntas e, quando possível, acionar apoio psicológico, psicopedagógico ou de assistência social.

Também são importantes os projetos interativos e interdisciplinares, já que projetos que envolvam arte, música, esportes, natureza e cultura podem canalizar a energia da criança de forma positiva, além de enriquecer o currículo.

A compreensão da realidade estrutural é fundamental para compreender o contexto das crianças e construir ações conjuntas de cuidado, sem culpabilização.

A gestão democrática também se faz necessária, pois a escuta da equipe docente e o fortalecimento de decisões coletivas sobre a condução pedagógica são essenciais para lidar com os desafios cotidianos.

No nível macro das condições estruturais e das políticas públicas, deve-se priorizar a valorização do trabalho docente, garantindo condições dignas de trabalho, como número reduzido de alunos por sala, tempo de planejamento remunerado, salários justos, apoio pedagógico e formação continuada. É igualmente necessário implementar políticas inclusivas e intersetoriais, já que a escola não pode atuar de forma isolada. Nesse sentido, destaca-se a relevância da Lei do Plano Nacional de Educação (PNE), atualmente em tramitação, que busca orientar ações estratégicas para a melhoria da qualidade da educação e o fortalecimento do trabalho docente

Políticas públicas de saúde mental infantil, assistência social, cultura e lazer devem dialogar com a educação para apoiar integralmente as crianças.

O combate à medicalização e à patologização é urgente: é preciso evitar que a agitação infantil seja rapidamente rotulada como distúrbio. A escola precisa ser um lugar de escuta e inclusão, não de exclusão ou rotulação precoce.

Por fim, é imprescindível o financiamento adequado da educação básica, o que inclui melhorar a infraestrutura escolar. Muitas escolas não têm estrutura física para o movimento infantil. É importante garantir espaços seguros, com mobiliário flexível e áreas externas acessíveis, e a contratação docente.

Lidar com crianças agitadas exige mais do que estratégias pontuais: é necessário um compromisso coletivo com a escuta, o cuidado e a criação de condições reais de ensino e aprendizagem. Isso implica rever práticas pedagógicas, mas também lutar por uma escola mais justa, acolhedora e estruturada.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Pesquisa aponta problemas no ensino da educação física em escolas. Brasília, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-06/pesquisa-aponta-problemas-no-ensino-da-educacao-fisica-em-escolas>.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Estabelece o Plano Nacional de Educação – PNE. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2001. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm

BRASIL DE FATO. GDF anuncia nomeação de servidores educacionais, reivindicação trabalhista do Sindicato dos Professores. Brasília, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://www.brasil-defato.com.br/2024/06/18/gdf-anuncia-nomeacao-de-servidores-educacionais-reivindicacao-trabalhista-do-sindicato-dos-professores/>.

BRITO, Andressa Slâmya da Silva. Ressignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. 2015. xiii, 83 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CNN BRASIL. Quase 80 % dos professores de Educação Física já gastam com material próprio, diz levantamento. 19 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-80-dos-professores-de-educacao-fisica-gastam-proprio-dinheiro-com-material-diz-levantamento/>.

CRUZ, Giseli Barreto da; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; HOBOLD, Márcia de Souza. Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 208–232, jan./abr. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-71992020000100208.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novodicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

GIUBERTI, Antonia Daniela Silva; SILVA, Antonia Dara Alves da. O uso excessivo de telas e o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças: uma revisão integrativa. Orient. SARA FERREIRA COELHO. *Revista Fisioterapia em Movimento*, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-uso-excessivo-de-telas-e-o-desenvolvimento-neuropsicomotor-de-criancas-uma-revisao-integrativa/>.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon*. Tradução e organização de Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 134 p. (Coleção Educadores).

GRESPLAN, Jorge. Marx : uma introdução / Jorge Gresplan. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.

MALAGODI, Edgard. *O que é materialismo dialético*. 5. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

SILVA, Izabel Penteadó Dias da; BATISTA, Cecília Guarnieri. Crianças agitadas/desatentas: modelos de explicação. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v.31, e20170184, 2020. DOI:10.1590/1980-6248-2017-0184

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. *O professor iniciante: sentidos e significado do trabalho docente*. São Paulo: Paco Editorial, 1. ed., 2018. 236 p. ISBN 978-85-462-1121-0. Disponível em: <https://www.pacolivros.com.br/o-professor-iniciante-sentidos-e-significado-do-trabalho-docente>.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro; ROCHA, Deise Ramos. *Desafios e dilemas da condição de trabalho de professores iniciantes no magistério público no DF*. Educação e Filosofia (Uberlândia), v.35, n.73, p.113–130, jan./abr.2021. DOI:10.14393/REVE-DFIL.v35n73a2021-59375.

SINPRO-DF. Superlotação de salas de aula prejudica estudantes e professores(as). Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 10 abr. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/superlotacao-de-salas-de-aula-prejudica-estudantes-e-professoras/>.

_____. Superlotação de salas de aula se agrava ano após ano no DF. Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/superlotacao-de-salas-de-aula-se-agrava-ano-apos-ano-no-df/>.

_____. Falta de planejamento gera custos futuros. Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/falta-de-planejamento-gera-custos-futuros/>.

_____. Nova campanha do Sinpro vai mapear escolas públicas sem professor de Educação Física. Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 8 mar. 2024. Disponível

em: <https://www.sinprodf.org.br/nova-campanha-do-sinpro-vai-mapear-escolas-publicas-sem-professor-de-educacao-fisica/>.

_____. GDF tenta enterrar o sonho da Educação Física nas escolas públicas do DF. Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/gdf-tenta-enterrar-o-sonho-da-educacao-fisica-nas-escolas-publicas-do-df/>.

_____. Brasília ficará sem professores. Brasília: Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/brasil-ficara-sem-professores/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

XIMENES, R. N. et al. Agitação e desatenção na infância: compreensões possíveis para além do diagnóstico. *Psicologia & Sociedade*, v. 32, e266461, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/t5DjtQ4fRkQtbJLNT45FHpB/>.

XIMENES, A. M. (org.). Cuidado, escola! Agitação, medicalização e infância. Campinas, SP: Criação Humana, 2021.